

ENTREVISTA/ JEAN SOUBLIN

“O Brasil só é grande porque tomou a Amazônia”

Jean Soublin, de 64 anos, escritor e crítico literário do jornal Le Monde, faz parte de um pequeno círculo de franceses que trabalha com literatura brasileira. Depois de lançar no Brasil, em 1997, com sucesso de público e de crítica, o romance D. Pedro II: memórias imaginárias do último imperador (Paz e Terra), Jean Soublin – que estudou literatura brasileira na Sorbonne na década de 70 – volta a lançar um olhar sobre o país em seu novo livro, publicado este ano na França, Histoire de l'Amazonie (Éditions Payot & Rivages, 340 páginas). Nele, Soublin relata o entusiasmo dos primeiros viajantes que passaram pela região, explica a política indígena de Portugal e retrata a vida dos seringueiros inseridos na economia que girava em torno da borracha. O livro, que o autor pretende ser uma síntese de tudo o que se escreveu sobre a região, revela que uma revolução so-

cial, a Cabanagem, estabeleceu um poder popular na Amazônia 30 anos antes da Comuna de Paris. Na entrevista que deu ao Idéias, quando esteve no Brasil para participar de um seminário pelos 60 anos do Museu Histórico Nacional, Jean Soublin – que fala um português fluente por ter morado no Brasil durante três anos e ter trabalhado por duas décadas em um banco brasileiro – diz que a Amazônia sempre foi relacionada a muitos mitos. Ele cita os dois principais: o da história das Amazonas e o de que a região é o pulmão do planeta. Segundo Soublin, a região sempre suscitou uma grande cobiça dos estrangeiros, entre eles holandeses, franceses, espanhóis e americanos. “A partir de 1980, relativamente, o poder de Brasília sobre a Amazônia diminuiu em favor de militantes, ecologistas e cientistas que controlam grandes orçamentos”, afirma o escritor.

Viviane Rocha

LENEIDE DUARTE

– De que trata esse livro especificamente?

– Esse livro é simplesmente a história da Amazônia. Existem alguns bons livros sobre a história da Amazônia mas abrangem alguns setores, alguns séculos, algum problema. Há livros extraordinários como o de Leandro Tocantins, *A formação histórica do Acre*. E ele é realmente um grande escritor amazônico. Mas eu quis fazer uma síntese para mostrar como os eventos se engrenam.

– Quando começa realmente a história da Amazônia?

– Você acha que eu seria capaz de dizer vou começar no ano de 1500? Eu não sou tonto. É claro que há uma história muito antes do que eu chamo a “invasão”, que é o título do primeiro capítulo.

– E quando começa a história antes da invasão?

– Pelo que se pode saber das migrações dos índios, comentários gerais sobre os índios e, antes disso, comentários geográficos. Em certo sentido, pode-se dizer que ela começa na Era do Terciário, quando não havia os Andes e o Rio Amazonas corria no sentido inverso, do leste para o oeste e ia desembocar no Pacífico.

– O livro conta a história da formação geográfica da região e dos povos que a habitaram?

– O livro acaba em 1980 e tem dez capítulos. Ele tem mais ou menos, mas não sistematicamente, um a dois capítulos por século. O século 19, por exemplo, tem um capítulo sobre a Cabanagem. A história da Amazônia começa muito antes da invasão, como eu disse, mas o primeiro capítulo trata exclusivamente do século 16. Ele fala dos primeiros viajantes, que eram espanhóis e vieram do Peru. O segundo capítulo mostra como os portugueses começaram a ocupar a região, o Pará. Esse se chama “Ocupação”. Depois vem o capítulo “Missões” e toda a problemática das missões, Padre Antônio Vieira etc. Em seguida vem um capítulo importante sobre limites porque, afinal de contas, uma das coisas interessantes da Amazônia é que ela é grande, uma das coisas interessantes do Brasil é que ele é grande. Por que é tão vasto esse país? Ele é vasto porque o português um dia resolveu tomar posse da Amazônia que não pertencia a Portugal e pertencia aos espanhóis. Essa história tem que ser contada para registrar como a diplomacia portuguesa conseguiu fazer avaliar isso através do Tratado de Madri. Tudo isso é uma história complicada e a

Sempre houve cobiça pela Amazônia. É uma região muito atraente. Mas o poder do Estado e do governo na Amazônia está muito limitado

– O senhor acha que esse livro vai interessar mais no estrangeiro do que aqui no Brasil, já que a Amazônia está sendo muito discutida no exterior?

– Eu não sei. Receio que não interesse muito ao Brasil do Sul, já que apesar de uma militância que denuncia queima da floresta, cobiça internacional etc, o Brasil do Sul não liga muito e nunca ligou para essa história. A síntese dessa história me permite identificar algumas permanências constantes. Uma delas é que sempre se produziram muitas mentiras sobre a Amazônia, desde a

história das Amazonas até a de “pulmão do planeta”. A Amazônia sempre suscitou uma grande cobiça dos estrangeiros, entre eles holandeses, franceses, espanhóis, americanos.

– Então o senhor acha que o livro vai interessar mais aos estrangeiros?

– Não sei. O livro deveria interessar ao pessoal de lá da Amazônia, porque nele eu tomo partido deles, o que não quer dizer apenas dos indígenas, deles e de todos os outros mestiços que têm de 80% a 90% de sangue indígena mas que são caboclos. Acho que esses foram muito maltratados por Portugal, muito maltratados pelos brasileiros do Sul. Não é um livro militante a favor desse povo mas é uma opção que se deve sentir nas entrelinhas. Quando digo que o livro não deve interessar muito ao Brasil do Sul é uma coisa que eu lamentaria muito porque acho que deveria interessar pois acho que qualquer político, cientista ou militante que quer dar palpite sobre a Amazônia deveria ler esse livro.

– Por que ele deve ser lido? É o mais completo que existe sobre a Amazônia?

– Sim. Ele é a única síntese. – Por que o senhor assumiu o papel de mediador entre a cultura brasileira e a francesa? E desde quando o senhor faz esse papel? – Não me considero como um mediador entre as duas culturas. Sou um estudioso do Brasil, já que tenho um passado vinculado ao Brasil tendo morado aqui e tendo trabalhado durante 20 anos para um banco brasileiro, o Moreira Salles, tanto aqui quanto na França. Fui do Unibanco

durante 25 anos, até 1990.

– O senhor hoje é crítico literário do jornal Le Monde.

– Sou crítico e escritor. Mas meu último livro não tem nada a ver com o Brasil, é sobre crítica literária. Meus primeiros livros também não tinham nada a ver com o Brasil. Falei do país em *Pedro II* e agora no livro sobre a Amazônia e num livro que foi traduzido no Brasil que se chama *Comitê dos riscos* e que tem uma parte que se passa na Amazônia.

– O senhor fez na Sorbonne um curso sobre literatura brasileira na década de 60. Como começou seu interesse pela literatura brasileira?

– Eu queria ir ao Brasil. Morava nos Estados Unidos e em Paris. Achava que conhecer a literatura brasileira iria me ajudar. Eu já tinha feito estudos literários. Sempre tive interesse pela literatura. Pensei que conhecer um pouco o indianismo, o João Guimarães Rosa, que estudávamos nesse curso, tudo isso podia me ajudar. E ajudou, pois tive conhecimento de autores e um diploma de literatura brasileira.

– O senhor disse em uma entrevista que havia uma desinformação militante sobre a Amazônia, na França, na Alemanha e na Holanda, e que isso inclui a mentira óbvia de que a Amazônia é o “pulmão do planeta”. O senhor diz que isso não é verdade. Por quê?

– Estou mostrando com os cientistas que a Amazônia não é uma produtora líquida de oxigênio.

– Por que permanece esse mito?

– Há também outros, o de que o brasileiro é um torturador de índio. Isso permanece na cabeça de muitos americanos e franceses. Outro mito é o de que se queima a floresta para brincar, porque é divertido. Na verdade, queima-se a Floresta Amazônica para plantar. A Amazônia virou nos últimos 15 anos uma grande exportadora de produtos alimentícios. Eu gos-

taria de que alguém me dissesse por que não queimar a floresta. Eu sei a resposta.

– Então nos dê a resposta.

– É porque não se sabe o que está lá dentro, é a biodiversidade. Porque a riqueza da floresta é tal e de tal forma desconhecida que pode ser que haja lá moléculas utilíssimas para a humanidade, e queimar poderia estar destruindo um patrimônio importantíssimo. Por isso, até saber mais, vamos queimar com muita prudência. Vamos queimar, porque é preciso alimentar o povo, mas com muita prudência. Essa é a única razão válida. Dizer que queimar produz gases tóxicos é verdade, mas produz tão menos que qualquer estado dos Estados Unidos.

– Por que as grandes potências têm interesse em controlar a Amazônia, divulgando às vezes inverdades sobre o Brasil?

– Eu não diria que as potências têm interesse em controlar a Amazônia, divulgando às vezes inverdades sobre o Brasil? – Eu não diria que as potências têm interesse em controlar a Amazônia e não diria que elas estão divulgando desinformação. Não creio que haja desinformação sistemática, não creio que haja um complô para abiscoitar a Amazônia. Acho que há muita bobagem.

– Essa é uma informação que está cada vez mais espalhada no Brasil.

– Acho que sempre houve cobiça. É claro que é uma região muito atraente. Mas que exista em nível de estados e governos um complô eu não acredito. Acho que há muitos bobos que andam por aí que acham bonita a floresta, mas também o poder do Estado e do governo na Amazônia está muito limitado.

– Por quê?

– Está limitado pelos cientistas estrangeiros, pelos economistas estrangeiros, pelas igrejas. O Sul do Brasil assumiu o poder na Amazônia, em 1940, em discurso de Getúlio Vargas. Antes não ligavam para ela. A Amazônia era vista como reserva para as gerações futuras. De 1940 a 1980, houve realmente uma presença muito forte do poder central na Amazônia. Houve bobagens imensas como a rodovia Transamazônica. A partir de 1980, relativamente, o poder de Brasília sobre a Amazônia diminuiu em favor de militantes, ecologistas e cientistas, que controlam grandes orçamentos.

– Eles representam interesses internacionais ou brasileiros?

– São interesses mundiais. A classe média do Sul vai aderir a essas idéias.

– Mas essas pessoas e idéias têm algum objetivo nocivo ao Brasil?

– Elas não têm objetivo. Essas idéias são bobagem, são tolas. São desinformação não-sistemática. Ninguém sentou um dia e disse assim: “Vamos ocupar a Amazônia”. Simplesmente acontece e a nação deveria resistir a isso. Mas resiste mal. Acho que eles fazem o que podem, mas é muito pouco. Acho que, em geral, há uma falta de interesse. As pessoas não querem se dar ao trabalho de estudar realmente a realidade como ela é e o passado como ele foi.

– E quem perde com isso?

– Acho que o brasileiro do Sul quando se vir sem a Amazônia vai chorar muito, vai achar muito ruim.

– Quando ele se vir sem a Amazônia? O que significa isso?

– Eu não queria dar a impressão de que acredito que ele vai perder. É uma possibilidade. É uma possibilidade remota, mas não sou catastrofista nisso. Mas pode perder, pela internacionalização, pela declaração de repúblicas indígenas protegidas pelos poderes interessados, por uma toxicização total da Floresta Amazônica ocupada à força pelo problema dos tóxicos ou, ainda, missões evangélicas que poderiam exercer o poder sobre tribos indígenas ou caboclos e criar aí regiões independentes. – O senhor diz que divulgar a cultura brasileira é uma forma de retribuir tudo o que o Brasil lhe deu. O que o Brasil deu ao senhor?

– Muito amor, muita amizade, nos três anos em que morei aqui e nos 25 em que trabalhei para um banco e vim muito aqui.

O Brasil mudou minha vida e sou imensamente grato ao país.

– Seu livro sobre D. Pedro II, narrado na primeira pessoa, fez um sucesso muito grande de crítica aqui. Os franceses se interessaram pelo tema, apesar do exotismo?

– Não, os franceses não se interessaram nem podiam se interessar. Mas ele foi lançado primeiramente em francês.

– O senhor acha que o livro da Amazônia vai interessar mais aos franceses?

– Esse também não deve fazer muito sucesso entre os franceses.

– Por quê? Eles estão fechados para problemas distantes, que não sejam os deles?

– Eles estão abertos para outros países. Para a África, o Magreb, o Oriente Médio, a União Européia, a Rússia. O Brasil não é uma preocupação dos franceses.

O Brasil pode perder a Amazônia pela declaração de repúblicas indígenas ou por uma internacionalização à força por problema dos tóxicos